

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALUÍSIO DE FRANÇA DIAS

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E AS PRÁTICAS E USO DAS ERVAS
MEDICINAIS NO QUILOMBO SÃO PEDRO EM ELDORADO/SP

MATINHOS

2024

ALUÍSIO DE FRANÇA DIAS

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E AS PRÁTICAS E USO DAS ERVAS
MEDICINAIS NO QUILOMBO SÃO PEDRO EM ELDORADO/SP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Adalberto Penha de Paula

MATINHOS

2024

TERMO DE APROVAÇÃO

ALUIÍSIO DE FRANÇA DIAS

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E AS PRÁTICAS E USO DAS ERVAS MEDICINAIS NO QUILOMBO SÃO PEDRO EM ELDORADO/SP

Os membros da banca convidados para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, após apresentação e arguição são de parecer pela APROVAÇÃO, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo – Ciências da Natureza.

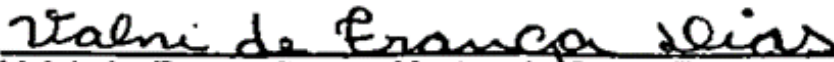


Docente
Matr 204333
Setor Litoral - UFPR

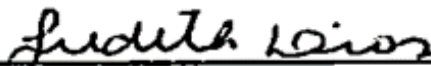
Prof. Dr. Adalberto Penha de Paula - Orientador
Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral/ Lecampo



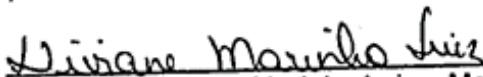
Aurico Dias – Mestre do Saber Tradicional – Membro da Banca
Quilombo São Pedro – Eldorado-SP



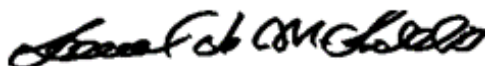
Valni de França Dias – Mestre do Saber Tradicional – Membro da Banca
Quilombo São Pedro – Eldorado-SP



Judith Dias – Mestre do Saber Tradicional – Membro da Banca
Quilombo São Pedro – Eldorado-SP



Profª. Dra. Viviane Marinho Luiz – Membro da Banca
Quilombo Ivaporunduva – Eldorado-SP – Coletivo de Educação da CONAQ



Prof. Dr. Lourival de M. Fidelis – Membro da Banca
Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral/ Lecampo

Quilombo São Pedro/Eldorado, 13 de Dezembro de 2024.

Conhecimentos Tradicionais e as práticas e uso das Ervas Medicinais no Quilombo São Pedro em Eldorado/SP

Aluísio de França Dias

RESUMO

Este trabalho tem como tema o conhecimento tradicional quilombola. Objetiva-se contribuir com a salvaguarda das ervas medicinais e suas práticas de uso no Quilombo São Pedro, além de refletir a importância dos conhecimentos tradicionais para as comunidades quilombolas. É uma pesquisa qualitativa com utilização de observação participante, estudos bibliográficos e documentais, realização de entrevistas além da vivência enquanto morador do quilombo São Pedro. Conclui-se que as ervas medicinais são utilizadas desde as nossas gerações passadas, suas propriedades curativas desempenham um papel crucial na promoção da saúde e no tratamento de diversas doenças. É de suma importância os saberes sobre as ervas medicinais para o fortalecimento e preservação da cultura das comunidades quilombolas.

Palavras-chave: Conhecimento Tradicional. Ervas Medicinais. Quilombo. Saúde da comunidade. Escuta vivência

1 INTRODUÇÃO

O Vale do Ribeira é um lugar de inspiração e reinvenção diária da vida alimentado pelos seres da mata e pelos saberes ancestrais dos povos indígenas, quilombolas, caiçaras e caboclos que aqui vivem. Esses saberes também alimentaram diversas pesquisas científicas produzidas por pesquisadores das mais diversas universidades públicas e privadas.

Nesse sentido a valorização e preservação da cultura desses povos é extremamente importante, pois a grande extensão territorial do Brasil também traz uma ampla variedade de ecossistemas. Compostos por fauna e flora singulares, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2000, os biomas brasileiros fazem com que o país seja considerado o mais biodiverso do mundo (IBGE, 2000).

Segundo o tratado da Organização das Nações Unidas (ONU), a Convenção Sobre Diversidade Biológica, um acordo internacional multilateral em vigor desde

1993 que trata da proteção e do uso da diversidade biológica em cada país signatário, o Brasil abriga entre 15 e 20% da diversidade biológica mundial. O Vale do Ribeira está localizado no sul do estado de São Paulo e norte do estado do Paraná, abrangendo a Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e o Complexo Estuarino Lagunar de Iguape-Cananéia-Paranaguá (Site Quilombos do Ribeira, 2011).

Conforme relatos e conversas com os mais velhos da comunidade, o Quilombo de São Pedro foi fundado em 1825 por Roza Machado e Bernardo Furquim. Resistiu e resiste ao longo de quase 200 anos a invasões, desmatamento, criminalização de roças, tentativas de barragens na região, rico em fauna, flora e toda sua biodiversidade, localizado em uma área de 4.692 hectares situada nos municípios de Eldorado e Iporanga no Vale do Ribeira, com grande parte da sua área preservada, atualmente, de acordo com a Agente Comunitária de Saúde da Família da comunidade, o São Pedro possui 50 famílias e 148 pessoas que especificam-se da seguinte maneira: 39 crianças de 0 a 14 anos, 40 jovens entre 15 a 29 anos e 69 adultos com mais de 29 anos de idade, sendo 74 pessoas do sexo feminino e 74 pessoas do sexo masculino vivendo com muito respeito, cuidado e em harmonia com o ambiente. Os locais de pronto atendimento e Santa Casa estão a aproximadamente 60 km do quilombo São Pedro. O Decreto nº 4.887/2003 no artigo 2º, estabelece que;

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida

Além de relatos de experiências dos nossos mais velhos, uma outra forma de preservar nossa cultura é através do estudo, buscando meios de colaborar com a salvaguarda de todo esse rico conhecimento. É válido ressaltar que os quilombolas no território têm um vínculo profundo com o meio ambiente, as comunidades quilombolas são responsáveis pela maior parte da preservação de áreas de grande valor ecológico, como florestas tropicais, matas ciliares e rios.

O respeito aos ciclos naturais garantem que os territórios quilombolas contribuam para o equilíbrio ambiental. Além disso, o modo de vida baseado em um ciclo de respeito à natureza e à terra oferece soluções sustentáveis para a

convivência harmônica com o meio ambiente, o território quilombola não é apenas um espaço geográfico, mas também um espaço de resistência, identidade e preservação dos saberes tradicionais.

Nesse sentido, Dias (2020, pág. 39) afirma que:

(...) ao pontuar a união que prevalece quanto a promoção da vida e defesa do território coletivo, pautada na coletividade e reciprocidade, defendo que ela encontra-se explícita cotidianamente, enraizada no território, fazendo parte da essência das comunidades quilombolas.

No Quilombo São Pedro, meu local de origem, localizado no município de Eldorado, estado de São Paulo, sempre ia junto com meus pais para roça, nas reuniões da comunidade e também quando podia, eles me levavam para atos organizados em defesa do território. Com várias influências na comunidade, a começar de dentro de casa, o interesse pela música foi uma das formas para que pudesse me envolver nas atividades da comunidade.

A falta de oportunidade sempre foi uma barreira enorme sem falar nas condições sociais, que não nos deixavam muitas alternativas. Ao longo do ensino fundamental e médio, percebi que também tinha uma atração pela educação que ia além de só aprender conteúdos, e ao sair do ensino médio queria entender como o processo de ensino funcionava e como poderia, um dia, contribuir com tal processo.

Antes mesmo de conseguir seguir com os estudos na graduação, fui trabalhar de carteira assinada em um bananal onde ganhava um pouco mais por desempenhar algumas funções a mais que os companheiros, pensava que ganhava bem, mas não colocava na balança o valor do serviço que desenvolvia.

Em determinado momento, considerei a possibilidade de retomar os estudos e, ao observar a abertura das inscrições para o vestibular do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (Lecampo), realizei a minha inscrição e fui aprovado conquistando uma vaga. Contudo, pela área de formação, ainda persistiam dúvidas sobre se essa era, de fato, a escolha que eu desejava seguir.

O primeiro semestre do curso foi um pouco mais difícil, além do acúmulo de desvantagem acadêmico-científica, que trazemos por uma negação histórica de políticas públicas educacionais que garantam melhores condições de estudo e acesso ao conhecimento. Muitas vezes por descaso com a escola pública e principalmente por escolas localizadas na área rural.

Outro aspecto que dificultou os estudos na Lecampo foi que o mundo se deparou (e parou) com a pandemia de Covid-19, o que não deixou outra alternativa, a não ser as aulas serem ministradas de forma remota, para que fosse garantido o distanciamento social. No rol de ausências de políticas públicas de Estado em nossas comunidades quilombolas, além de enfrentarmos estradas sempre em condições precárias, sucessivas faltas de energia elétrica, entre outras, a ausência de comunicação também ficou evidente.

Pois, na maioria dos quilombos da região, assim como em várias comunidades do país, não há cobertura de serviços de telefonia móvel ou residencial, muito menos internet que supra as necessidades para um correto acompanhamento das aulas remotamente.

A nós, população negra, vários espaços sempre foram negados e muitas vezes, agarramos as poucas oportunidades que temos e que nos são ofertadas. Tais oportunidades são forjadas pela luta do nosso movimento quilombola, do movimento negro, do movimento de trabalhadores e trabalhadoras do campo, ente outros movimentos sociais. A partir do 2º período percebi que estava no caminho certo, as disciplinas ofertadas e o contato com professores que inspiravam, fortaleceram a convicção de que a educação é a ferramenta mais poderosa para a transformação social.

A Educação do Campo desempenha papel fundamental não só na promoção da aprendizagem, mas também como ato político em face do atual modelo educacional e das circunstâncias enfrentadas pelas comunidades rurais. Essas instituições de ensino buscam alcançar aqueles indivíduos que residem em áreas distantes dos centros urbanos, onde as atividades agrícolas, pecuárias, extrativistas, artesanais, manufatureiras e outras desempenham papel central. Essas comunidades incluem populações camponesas, ribeirinhas, quilombolas, indígenas, caiçaras e uma variedade de outros grupos (Santana, 2024).

De acordo com o Decreto nº 6.040/2007 (BRASIL, 2007), no art.3º, são:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

Encontrei uma oportunidade na Universidade Federal do Paraná no curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza. O curso existe desde o ano de 2014. Ele atende integrantes de comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas e caiçaras), bem como integrantes de movimentos sociais populares. (PPC Lecampo, 2012).

O curso de Licenciatura em Educação do campo ocorre a partir da metodologia de alternância e itinerância, organizado em momentos de Tempo Universidade e Tempo Comunidade. Durante o Tempo Universidade, as turmas são reunidas para realizarem estudos intensivos desde o programa do curso. Durante o tempo Comunidade, são realizados estudos e ações nas comunidades de origem dos estudantes. (PPC Lecampo, 2012).

A turma “Vandir de França”, que ingressou na Lecampo no ano de 2021, é realizada em parceria com a Escola Latino-americana de Agroecologia (ELAA), localizada no Assentamento Contestado, no município de Lapa, no estado do Paraná.

Na ELAA além dos momentos de estudo, debate e discussão sobre os temas referente ao curso, também tivemos momentos de estudo e debate sobre temas que envolvem a luta pela Reforma Agrária Popular e a produção agroecológica. Tivemos momentos de Tempo Trabalho, desenvolvendo ações junto à agrofloresta, horta, limpeza dos ambientes, entre outros.

Tivemos também momentos de Atividades Culturais onde buscamos cultivar a cultura dos povos camponeses e comunidades tradicionais. Outro aspecto importante dessa metodologia é a organicidade, onde a organização de núcleos de base e equipes potencializam a participação direta na construção de seus espaços.

Atravessando todo o programa do curso de Licenciatura em Educação do Campo, temos um módulo denominado Projeto de Aprendizagem (PA) no qual, podemos durante todo o curso pesquisar e realizar ações a partir de temas que são importantes para os estudantes, mas também para seus territórios e organizações de origem.

É importante, antes mesmo de apresentar o tema da pesquisa, a qual resultou nesse trabalho que ora apresentamos, destacar que a Educação do Campo possui várias dimensões que vão além do espaço escolar, e que em sua origem e trajetória, está permanentemente vinculada à luta dos povos do campo pela terra,

pela água, pelas florestas, pela produção de alimentos saudáveis e por condições dignas de vida.

Consideramos que a Educação do Campo é uma abstração se não for considerada no contexto em que é desenvolvida, nas relações que a suportam e, especialmente, se não for compreendida no âmbito da luta de classes, que se expressa no campo e na cidade. (Moraes, 2000).

O presente trabalho o qual tem como foco os Conhecimentos tradicionais e as ervas medicinais, com o objetivo geral de contribuir com a salvaguarda das ervas medicinais e suas práticas e uso no Quilombo São Pedro.

Enquanto problemática da pesquisa, destacamos a lacuna deixada pelas políticas públicas no que se refere à infraestrutura que atende o município em geral. Os serviços para atendimento médico, como a Unidade de Pronto Atendimento e a Santa Casa, se encontram a aproximadamente 60 km do Quilombo São Pedro, comunidade onde moro, então o conhecimento tradicional e domínio sobre as ervas medicinais e suas práticas de uso é importante tanto para prestar os primeiros socorros quando necessário, quanto para a prevenção de doenças e tratamento de algum possível diagnóstico dado pelo médico, ou pela experiência dos nossos mais velhos e mais velhas.

Pontuo também o resgate e fortalecimento da cultura que nas últimas décadas, com maior facilidade de acesso ao meio urbano, há a hipótese de que as ervas de uso medicinal, tem sido menos utilizadas devido a maior facilidade de acesso a remédios "de butica", como dizia Vô Isair.

Tenho refletido e carregado inquietações sobre o tema desde quando comecei a trabalhar como Agente Comunitário de Saúde (ACS) no programa Estratégia Saúde da Família (ESF), entre os anos de 2012 e 2015 atendendo as pessoas da minha comunidade. Tal programa visa à reorganização da atenção básica no país, de acordo com os preceitos do Sistema Único de Saúde, e é tida pelo Ministério da Saúde e gestores estaduais e municipais como estratégia de expansão, qualificação e consolidação da atenção básica por favorecer uma reorientação do processo de trabalho com maior potencial de aprofundar os princípios, diretrizes e fundamentos da atenção básica, de ampliar a resolutividade e impacto na situação de saúde das pessoas e coletividades, além de propiciar uma importante relação custo-efetividade (BRASIL).

A equipe tem como objetivo assistir e acompanhar as famílias mais de perto, dar suporte e facilitar o acesso aos serviços de saúde, e também trazia para o bairro de quinze em quinze dias uma equipe multiprofissional (equipe de Saúde da Família – eSF) composta por, no mínimo um (a) médico (a), um (a) enfermeiro (a) e um (a) auxiliar ou técnico (a) de enfermagem.

Oficialmente, implantado pelo Ministério da Saúde em 1991, o então Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) teve início no fim da década de 80 como uma iniciativa de algumas áreas do Nordeste (e outros lugares, como o Distrito Federal e São Paulo) em buscar alternativas para melhorar as condições de saúde de suas comunidades.

A equipe realizava visitas domiciliares para pessoas acamadas ou com dificuldades de locomoção e para famílias em situação de vulnerabilidade social. As visitas da equipe para tais situações, aconteciam de acordo com as demandas trazidas por mim, que na ocasião trabalhava como ACS e tinha como objetivo acompanhar as famílias realizando visitas mensais, relatando todas as conversas com as famílias e principalmente as dificuldades voltadas para a saúde e condição social.

Nesse sentido, sempre procurei formas de valorizar e preservar tais conhecimentos e agora com a oportunidade que estou tendo, pretendo realizar tal registro e reflexão sobre saúde, conhecimento tradicional e o uso das ervas medicinais.

Para iniciar a pesquisa, apresentei minha proposta para o coordenador da Associação do Quilombo São Pedro, que representa os interesses dos moradores do quilombo São Pedro, logo que fui autorizado iniciei o trabalho. Assim como o termo de autorização de pesquisa apresentado e assinado pelo coordenador da associação, também utilizamos do Termo de Livre Consentimento e Esclarecido para os participantes “direto” da pesquisa. Para alcançar os objetivos desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com utilização de observação participante, estudos bibliográficos e documentais, realização de entrevistas, além da vivência enquanto morador do quilombo São Pedro, esse processo de Escuta Vivência, que se configura em você fazer parte do processo, abre caminhos para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e acolhedora, ao mesmo tempo em que pode ser uma ferramenta educativa poderosa, capaz de criar espaços de reflexão, diálogo e aprendizado mútuo. (Givânia Maria da Silva, 2022). Esses procedimentos

ofereceram subsídios para as discussões apresentadas nesse trabalho, além de elementos para produção de um minidocumentário sobre o tema.

O trabalho foi pensado para que a comunidade possa ter um registro daquilo que se refere a sua cultura, voltado para as ervas medicinais e também para fins didáticos, assim definiu-se os objetivos específicos: a) Levantar o conhecimento das pessoas mais experientes da comunidade sobre as ervas medicinais; b) Refletir sobre a relação entre conhecimento tradicional e uso das ervas medicinais; c) Produzir minidocumentário sobre o tema para fins de registro e uso didático na comunidade e na escola; d) Incentivar o uso e cultivo das ervas medicinais e suas práticas de uso no Quilombo São Pedro.

Importante conhecer e compreender como os povos e comunidades tradicionais fazem parte da natureza, a forma que eles se cuidam cuidando do ambiente onde vivem, que nossos anciões detêm tanto conhecimento e tem vontade de transmitir para nós mais novos, para que não se perca a nossa tradição. Por outro lado identifico que há muito pouco interesse das novas gerações, considerando a luta do nosso povo para conseguir manter nossa cultura, sendo atacado de todo lado não temos um minuto de paz, aproveitamos para ressaltar também o desrespeito dos órgãos públicos para com as comunidades quilombolas.

Nesse sentido o trabalho além desta Introdução, no segundo tópico, reflito sobre conhecimentos tradicionais e ervas medicinais, onde apresento um recorte sobre algumas políticas que tem como objetivo a universalização do acesso às Plantas medicinais e fitoterápicos e práticas integrativas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Ainda no mesmo tópico apresento algumas figuras de ervas medicinais e o modo de preparo segundo o ensinamento dos mais velhos e mais velhas da comunidade, seguido de um quadro onde apresento outras ervas que têm usos pela comunidade onde foi realizada a pesquisa.

No tópico seguinte, apresento a metodologia e construção do processo de todo o trabalho, fazendo também uma breve apresentação dos participantes da pesquisa e do minidocumentário em seguida as considerações finais.

2 CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E ERVAS MEDICINAIS

Os conhecimentos tradicionais e o uso de ervas medicinais desempenham

um papel fundamental nas comunidades tradicionais quilombolas, na experiência prática e no relacionamento profundo com o meio ambiente.

Sendo assim, com a criação de políticas públicas voltadas ao uso das plantas medicinais, valorizaram os conhecimentos tradicionais das comunidades, como podemos perceber com a “Política nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPM)” (Brasil, 2006 a) e a “Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC)” (Brasil, 2006 b), criadas com o objetivo da universalização do acesso às Plantas medicinais e fitoterápicos e práticas integrativas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 2009).

A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos foi criada em 2006, pelo Decreto nº 5.813. As diretrizes da política foram detalhadas como ações no Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos – Portaria Interministerial nº 2.960/2008 –, assinada por 10 ministérios

(...) O objetivo da Política e do Programa é garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional. (Brasil, 2008).

A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) é um conjunto de normativas e diretrizes que visam incorporar e implementar as práticas integrativas e complementares (PICS) no SUS. Baseia-se na perspectiva da prevenção de agravos e promoção e recuperação da saúde, com ênfase na atenção primária para o cuidado continuado, humanizado e integral em saúde.

A PNPIC, instituída por meio da Portaria GM/MS nº 971, de 3 de maio de 2006, contemplou, inicialmente, diretrizes e responsabilidades institucionais para oferta de serviços e produtos da homeopatia, da medicina tradicional chinesa/acupuntura, de plantas medicinais e fitoterapia, além de medicina antroposófica e termalismo social/crenoterapia.

Nos anos de 2017 e 2018, a política foi ampliada em 24 novas práticas com a publicação das portarias GM nº849/2017 e GM nº702/2018, “ o total de 29 práticas contribuem para a ampliação das abordagens de cuidado e das possibilidades terapêuticas para os usuários, garantindo uma maior integralidade e resolutividade da atenção à saúde” (Brasil, 2018).

Após essa breve apresentação das políticas que tratam do uso das plantas e ervas medicinais, apresentamos algumas ervas medicinais que são utilizadas no quilombo São Pedro. Essas informações foram adquiridas a partir da realização de entrevistas, observação e vivência como quilombola morador da comunidade.

FIGURA 1 – CAPIM CIDRÓ



FONTE: Acervo Valni de França Dias (2023)

Em razão do seu efeito analgésico, o capim cidró também conhecido como capim cidreira ou capim limão, é muito utilizado em forma de chá, porém também pode ser utilizado no banho para aliviar os sintomas de ansiedade, estresse e cansaço.

Modo de preparo segundo ensinamento dos mais velhos e mais velhas da comunidade:

- 1- Colhe-se as folhas com raiz e tudo
- 2- Corta-se as folhas na altura de aproximadamente 5 cm acima das raízes;
- 3- Lave bem as folhas, após separar das raízes;
- 4- Aquecer a água quase em estado de ebulição;

Obs: enquanto a água esquenta, plante as raízes, pois assim sempre terá em seu quintal.

- 5- Retirar o recipiente do fogo, adicione as folhas lavadas e tampar por aproximadamente 15 minutos;

Obs: Se quiser deixar ferver também pode, porém algumas ervas que em altas temperaturas faz com que os princípios ativos benéficos sejam perdidos, reduzindo a eficácia do chá.

FIGURA 2 – HORTELÃ PRETO



FONTE: Acervo Valni de França Dias (2023)

Além do seu aroma agradável podendo ser utilizado em receitas na culinária, o hortelã é utilizado para fins medicinais como por exemplo seu efeito tranquilizante ajuda a diminuir o stress além de ser um ótimo vermífugo aliado ao leite.

Modo de preparo segundo ensinamento dos mais velhos e mais velhas da comunidade:

- 1- Colhe-se as folhas
- 2- Lavar bem as folhas;
- 3- Aquecer a água quase em estado de ebulição;

Obs: Pode-se deixar ferver também a água, porém não é aconselhado pois a temperatura muito alta faz com que os princípios ativos benéficos sejam perdidos, reduzindo a eficácia do chá.

- 4- Retirar o recipiente do fogo, adicione as folhas lavadas e tampar por aproximadamente 15 minutos;

FIGURA 3 – BOLDO



FONTE: Acervo Valni de França Dias (2023)

Apesar do gosto amargo, o boldo é muito utilizado na medicina popular para o tratamento de problemas digestivos combatendo os gases e a má digestão.

Modo de preparo segundo ensinamento dos mais velhos e mais velhas da comunidade:

Diferente das duas espécies citadas anteriormente, para fazer uso do boldo é utilizado a água fria.

- 1- Colha as folhas no pé;
- 2- Lave-as bem;
- 3- Macerar bem as folhas
- 4- Adicionar em um recipiente com água fria
- 5- Aguardar alguns minutos

Também apresentamos um quadro com informações das principais ervas medicinais utilizadas na comunidade, organizadas por nome popular, nome científico e seus principais usos. Os nomes populares e os principais usos foram citados pelos entrevistados, já os nomes científicos foram retirados do livro “Do quilombo à floresta: guia de plantas da mata atlântica no Vale do Ribeira”, com organização Bianca Cruz Magdalena pelo ISA - Instituto Socioambiental no ano de 2022.

QUADRO 1 – ERVAS MEDICINAIS UTILIZADAS NO QUILOMBO SÃO PEDRO

Nome popular	Nome científico	Principal uso
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Antibacteriana
Alho	<i>Allium sativum</i>	Expectorante
Babosa	<i>Aloe vera</i>	cicatrizante
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	Dor hepática
Arnica	<i>Arnica montana</i>	Frieira
Camomila	<i>Matricaria recutita</i>	Anti-inflamatória
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i>	Antiespasmódica
Cipó-mil-homens	<i>Aristolochia triangularis</i>	Anti- reumático
Cravo	<i>Syzygium aromaticum</i>	Carminativo
hortelã	<i>Mentha spicata</i>	Vermífugo
Erva- doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Expectorante
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>	Expectorante
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>	Carminativo
Maracujá	<i>Passiflora incarnata</i>	Sedativo
Pimenta	<i>Piper aduncum</i>	Estimulante
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Cólica intestinal
Sabugueiro	<i>Sambucus australis Cham</i>	Sinusite
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i>	Anti- reumática
Sassafrás	<i>Sassafrás albidum</i>	Anti- reumática
Tanchagem	<i>Sassafrás albidum</i>	Diurética
Timbó	<i>Pscidia erythrina</i>	Enxaqueca
Urtiga	<i>Urtica dioica</i>	Anti- hemorrágica
Espinheira santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Gastrite
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolia Raddi</i>	Anti- reumática
Pau d'arco roxo	<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Anti- reumática
Amescla (Breu)	<i>Protium heptaphyllum</i>	Anti- inflamatório
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	Antiespasmódica
Pata de vaca	<i>Bauhinia fortificata</i>	Hipoglicemiante
Chifre de bode	<i>Machaerium hirtum</i>	Anti- inflamatório
Sucupira	<i>Bowdichia virgiliodes Kunth</i>	Anti- reumática
Fruta de macaco	<i>Guazuma ulmifolia</i>	Antibacteriana
Jaborandi	<i>Pilocarpus Pennatifolius</i>	Glaucoma
Canela de velho	<i>Miconia albicans</i>	Anti- inflamatório
Cedro	<i>Cedrela fissilis Vellozo</i>	Glicose

Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i>	Analgésica
Jabuticaba	<i>Myrciaria jaboticaba</i>	Intestino e pressão
Araçá	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	Antioxidante
Goiaba branca	<i>Psidium guajava</i>	Coração/ Dor hepática
Quina	<i>Coutarea hexandra</i>	Diurético/ Inflamação
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i>	Controle hepático
Embaúba	<i>Cecropia pachystachya</i>	Diurético/ hipertensão
Assa peixe	<i>Vernonanthura polyanthes</i>	Reumatismo/ Doenças respiratórias
Ipê amarelo	<i>Handroanthus chrysotrichus</i>	Anti-inflamatório
Coloral	<i>Bixa orellana</i>	Diabetes/ Sarampo
Chá-De-Bugre	<i>Cordia sellowiana</i>	Expectorante
Jacupari	<i>Garcinia Gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	Anti-inflamatório
Angico-branco	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Reumatismo/ Tosse
Borrolão/ coronha/ Olho de Boi	<i>Mucuna urens</i> (L.) Medik.	Banhos para sarna
Zóio de cabra/ olho de cabra	<i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms	Vermífugo
Guapiruvu	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) Blake	Analgésico
Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Diurético/ Febrífugo
Brejaúva	<i>Astrocaryum aculeatissimum</i> (Schott) Burret	Antianêmico
Amoreira	<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.Don ex Steud.	Cicatrizante
Araçá amarelo	<i>Psidium cattleyanum</i> Sabine	Diarréia/ Diabete
Capim cidró	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf	Analgésico
Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Analgésico

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das informações dos entrevistados e do Instituto Socioambiental (2022)

Os conhecimentos tradicionais sobre ervas medicinais desempenham um papel crucial na medicina tanto para cura quanto para a preservação de doenças. Esses saberes surgem de uma conexão profunda com a natureza e com a experiência prática das comunidades ao longo do tempo transmitidas de geração em geração.

Os conhecimentos tradicionais representam uma rica herança cultural onde os povos e comunidades tradicionais são um testemunho de como as sociedades antigas buscavam entender e interagir com o ambiente natural ao seu redor e ao preservar essas práticas, é possível manter viva uma parte significativa da história e da identidade de diferentes povos. Em suma, os conhecimentos tradicionais e as

ervas medicinais representam um patrimônio valioso que une cultura, saúde e sustentabilidade, oferecendo uma ótima perspectiva para o cuidado com a saúde.

3 METODOLOGIA E PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

O interesse nesse tema surgiu a partir de experiências vividas nos anos que trabalhei como Agente Comunitário de Saúde, mas a oportunidade de poder me aprofundar e conhecer melhor a respeito apareceu quando ingressei no curso de Licenciatura em Educação do Campo-Ciências da Natureza na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral (UFPR Litoral).

O curso de Licenciatura em Educação do campo ocorre a partir da metodologia de alternância e itinerância, organizado em momentos de Tempo Universidade e Tempo Comunidade. Durante o Tempo Universidade, as turmas são reunidas para realizarem estudos intensivos desde o programa do curso. Durante o tempo Comunidade, são realizados estudos e ações nas comunidades de origem dos estudantes. (PPC Lecampo, 2012).

No currículo do curso temos um módulo denominado Projeto de Aprendizagem (PA) no qual, podemos durante todo o curso pesquisar e realizar ações, a partir de temas que são importantes para os estudantes, mas também para seus territórios e organizações de origem.

Durante o PA, estudei sobre o tema das ervas medicinais, o conhecimento tradicional e a saúde da comunidade. Realizei pesquisas bibliográficas, assisti vídeos, tive várias reuniões com meu professor orientador, dialoguei com os moradores da comunidade para ter mais conhecimento e me auxiliar na identificação das pessoas que, posteriormente, poderiam colaborar da melhor forma para desenvolver o minidocumentário.

Através do processo acima citado e de experiências vivenciadas no dia a dia, consegui realizar a seleção dos moradores, que possuem amplo conhecimento sobre as ervas medicinais e suas práticas de uso, e para essa seleção busquei selecionar pessoas do gênero feminino e do gênero masculino, para que pudesse ouvir os pais e às mães, embora nas gerações passadas os filhos recebiam os mesmos ensinamentos dos pais, cada um e cada uma guarda melhor aquilo que vai

sendo vivenciado conforme os momentos da vida. Entendendo que historicamente as mulheres sempre são mais sensíveis e focadas nas práticas medicinais culturais.

De acordo com Silva (2022, pág. 319)

É nesse sentido que compreendemos que as formas de organizações de mulheres quilombolas são fazeres que possuem suas próprias epistemologias, que se afirmam na história, na memória, na oralidade e na coletividade envolvendo homens, mulheres, crianças, idosos, rios, serras, florestas, sagrados, arte etc.

Segue uma breve apresentação dos participantes, colaboradores da pesquisa a qual a identificação dos nomes e das imagens foi autorizada por eles a partir da assinatura do Termo de Livre Consentimento e Esclarecido.

Aurico Dias



FONTE: Acervo Valni de França Dias (2024)

Aurico Dias, nascido e criado no Quilombo São Pedro, tem 62 anos, casado, pai de 8 filhos, sendo 4 homens e 4 mulheres e tem 14 netos, assíduo na fé, sócio da associação. É lavrador, hoje está aposentado, trabalhou muito na roça e ainda trabalha, faz plantio de arroz, feijão e milho, desde pequeno sempre acompanhou seus pais para roça, ajudando-os nos afazeres em geral. Com eles aprendeu a fazer a roça de coivara, roçar, derrubar, carpir, plantar, sobre as fases da lua, quando pode ou não plantar e também com eles foi aprendendo sobre o uso e manejo das ervas medicinais

Com os pais também aprendeu a fazer casa de pau a pique, e também vários outros conhecimentos a partir da vivência em uma comunidade tradicional. Hoje é liderança e referência tanto dentro da comunidade quanto regional, estadual e nacional, sempre colaborando com os grupos de trabalho dentro da associação, participa de vários encontros, sempre lutando para trazer benefícios para a comunidade.

Judith Dias



FONTE: Acervo Letícia Ester de França (2024)

Judite Dias, nascida e criada no Quilombo São Pedro, casada, mãe de 6 filhos sendo eles 3 homens e 3 mulheres, agricultora, sócia da associação, hoje é vice-coordenadora da Igreja Católica da comunidade, muito participativa, gosta de estar sempre com as crianças, e com os jovens porque eles à escutam e à respeitam.

Gosta de trabalhar com hortas e com a roça, adora flores as quais tem muitas delas em sua casa deixando o ambiente mais alegre. Além de trabalhar e cultivar em seu quintal as ervas medicinais com as quais são utilizadas para o seu bem da sua família, também realiza um trabalho junto ao turismo de base comunitária.

Desenvolvido na comunidade cujo nome do atrativo é Farmácia Viva, onde ela compartilha um pouco de seu vasto conhecimento referente às ervas medicinais e suas práticas de uso. Judith também participa do Coletivo Mulheres Quilombolas

na Luta (CMQNL), que surge a partir de questões que permeiam a vida das mulheres, dentro dos territórios, relacionadas ao machismo, sexismo, patriarcado, racismo, suicídios e mortes de mulheres quilombolas que ocorreram no 1º semestre de 2019. As temáticas abordadas pelo CMQNL trazem os pontos de vistas das mulheres, que sempre estiveram e estão nos territórios, porém são, em sua maioria, silenciadas pelo patriarcado e machismo, que são resquícios de uma sociedade colonizadora. é sempre muito ativa e está sempre junto das atividades realizadas na comunidade.

Valni de França Dias



FONTE: Acervo Aurico Dias (2024)

Valni de França Dias, nascida e criada no Quilombo São Pedro, agricultora, casada, tem 8 filhos, sendo 4 homens e 4 mulheres, tem 14 netos. É lavradora, trabalha na roça, plantando arroz, feijão, milho e mandioca. Desde pequena, sempre acompanhou seus pais para a roça, ajudando-os nos mais diversos afazeres. Com eles aprendeu tudo que sabe sobre agricultura tradicional.

Cultiva em seu terreiro diversas ervas medicinais as quais foi aprendendo com seus pais sobre o uso e tem forte apreço pela preservação da cultura. Assim como Judith, também é membra ativa do CMQNL. Desempenha um trabalho na comunidade junto ao Turismo de Base Comunitária onde passa um pouco de seu amplo conhecimento voltado para a cultura, trabalhando a oficina de beneficiamento do arroz, onde trás desde as técnicas de plantio até o seu beneficiamento tradicional dos grãos no pilão.

Realizei uma conversa prévia agendada com os selecionados para apresentação e assinatura do termo de consentimento livre esclarecido e para falar sobre o objetivo do trabalho, a importância de documentar, registrar para preservar o conhecimento tradicional da comunidade, e tendo a autorização concedida pelos mesmos, marquei as datas e horários que seria melhor para cada um dos escolhidos para iniciar as gravações.

O minidocumentário foi produzido durante os meses de outubro e novembro de 2024. Foi um período total de duas semanas e meia até as gravações ficarem prontas, porém não foram todos os dias que tiveram gravações. Não foi utilizado nenhum tipo de iluminação no período das gravações, pois o objetivo era mostrar a realidade, então a iluminação oscila bastante por causa da alternância entre momentos nublados e com sol. Podemos também perceber nas gravações, barulhos externos como barulho de moto, passarinho, entre outros os, interferências que não puderam ser evitadas.

Realizei a montagem de um roteiro básico e sem perguntas fechadas, porém com alguns pontos específicos que eu gostaria que fossem citados, encaminhei para o meu professor orientador para possível colaboração, tendo em vista que ele me acompanha desde o meu primeiro módulo de PA. As pessoas entrevistadas puderam falar sobre a história do quilombo, sua própria história e também sua trajetória na comunidade. Como a intenção era ser o máximo de realista possível, o roteiro foi apresentado às entrevistadas e ao entrevistado minutos antes de serem gravados, assim poderiam se expressar com mais espontaneidade sem ficar preocupados em ensaiar para falar.

A escuta vivência, segundo Givânia Maria da Silva (2022), pode ser entendida como uma escuta que vai além da simples audição. Trata-se de uma escuta profunda e ativa, onde o ouvinte se compromete a entender as experiências e sentimentos do outro sem impor julgamentos, entendendo que cada pessoa tem uma vivência única, moldada por sua história de vida, seu contexto social, cultural e emocional e esse ato valoriza essas experiências, considerando que elas são fundamentais para a construção do conhecimento e da identidade do indivíduo.

A escuta vivência se conecta diretamente com as questões de desigualdade social, ao ouvir as vivências de pessoas que enfrentam discriminação, marginalização ou outros tipos de opressão, essa escuta se torna um instrumento para dar voz a quem, muitas vezes, é silenciado. Destacando também seu potencial

transformador, tanto para quem compartilha suas experiências quanto para quem escuta. Ela abre caminhos para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e acolhedora, ao mesmo tempo em que pode ser uma ferramenta educativa poderosa, capaz de criar espaços de reflexão, diálogo e aprendizado mútuo.

As gravações foram feitas com um celular, em locais escolhidos pelos entrevistados, em seguida realizei a gravação de cada um preparando um tipo de remédio para que além de trazer o nome dos remédios também houvesse o momento de aprender a fazer.

Enquanto eles se apresentavam, realizei também a gravação em áudio dos mesmos para que pudesse transcrever e colocar na apresentação de cada um e cada uma. Realizei as gravações em vídeos curtos para facilitar na hora da edição, ao mesmo tempo que as gravações estavam sendo feita, eu ia anotando o nome das ervas medicinais em que eles iam citando, e esses dados se tornaram uma tabela que pode se localizar no resultado desse trabalho juntamente com o link do minidocumentário.

Para montagem do minidocumentário realizei os seguintes passos:

- Abri uma página do word;
- Assisti novamente todos os vídeos e de acordo com o roteiro fui anotando o minuto em que começava e terminava a fala de cada um referente ao que eu queria em cada vídeo;
- Em seguida realizei os cortes nos vídeos seguindo as anotações que havia realizado no documento do word;
- Em seguida revisei o roteiro e numerei os vídeos de acordo com a sequência que eu queria que eles ficassem
- Então abri o aplicativo de edição e comecei a montagem dos vídeos, onde procurei trazer no início um pouco sobre a comunidade, em seguida as falas referentes a ervas medicinais e para finalizar trouxe os agradecimentos.

O material foi editado entre os meses de outubro e novembro, não foram feitas grandes intervenções na pós-produção, apenas uma correção básica de cores no vídeo e correção de áudio.

Todo esse processo de produção do documentário foi inspirado na pesquisa realizada em 2018, por Mariana W. Fachini sobre a primeira aldeia urbana do sul do Brasil, a Kakané Porã. A pesquisa resultou em um média-metragem que reflete sobre a vida dos indígenas Xetá, Kaingang e Guarani que vivem na região

metropolitana de Curitiba, no estado do Paraná. O documentário pode ser acessado em: https://www.youtube.com/watch?v=2epVpl_O_hs.

O minidocumentário produzido do material acima descrito, pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=10zcuTypjq4>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentou uma temática sobre os conhecimentos tradicionais e as ervas medicinais que são utilizadas desde as nossas gerações passadas e por suas propriedades curativas, desempenham um papel crucial na promoção da saúde e no tratamento de diversas doenças e que é de suma importância os saberes sobre as ervas para o fortalecimento e preservação da cultura das comunidades quilombolas.

Tais práticas fazem parte do patrimônio cultural de diversas sociedades, refletindo um profundo conhecimento da natureza e das propriedades das plantas, em muitas culturas, estes conhecimentos são transmitidos oralmente ou por meio de práticas cotidianas, sendo um elo entre as gerações e uma forma de adaptação ao ambiente local.

O uso de ervas medicinais nas comunidades quilombolas é um exemplo de resiliência, autonomia e resistência cultural. Essas práticas, profundamente enraizadas na história e na identidade das populações quilombolas, não só são protegidas para a saúde física e mental dessas comunidades, mas também preservam e transmitem saberes e legados fundamentais.

Ao mesmo tempo, o uso das ervas medicinais enfrenta desafios relacionados à sustentabilidade ambiental e ao acesso aos cuidados de saúde convencionais, o que reforça a importância de apoiar essas práticas com políticas públicas que respeitem a autonomia das comunidades e incentivem a integração dos saberes tradicionais com uma “ciência” moderna. A valorização dessas práticas e o investimento em sua preservação são essenciais para garantir que as futuras gerações de quilombolas possam continuar a se beneficiar desse rico patrimônio cultural e medicinal.

O uso de ervas medicinais deve ser realizado de forma sustentável, a exploração excessiva das espécies pode levar à diminuição de suas populações e à

perda de biodiversidade. A conscientização sobre a importância da colheita responsável e do cultivo sustentável é fundamental para garantir a continuidade do uso dessas plantas no futuro.

O estudo das ervas medicinais continua sendo uma área promissora tanto para a medicina tradicional quanto para a medicina moderna. O avanço das pesquisas científicas e a valorização das práticas tradicionais podem levar ao desenvolvimento de novos medicamentos e tratamentos. Além disso, há uma busca crescente por alternativas naturais e sustentáveis no cuidado com a saúde, esse conhecimento, embora muitas vezes marginalizado pela medicina ocidental, representa um patrimônio valioso e deve ser reconhecido como um saber legítimo e indispensável para a preservação de práticas de saúde alternativas e sustentáveis.

Isso coloca as ervas medicinais em um cenário de destaque e é necessário continuar incentivando o diálogo entre o saber acadêmico-científico e o saber científico cultural e tradicional para que o conhecimento sobre as ervas medicinais seja ampliado e reconhecido academicamente e utilizado de maneira ética e responsável para garantir também o acesso das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de Novembro de 2003**

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 26/10/2024.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007**

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 29/01/2025.

CRUZ, Valter Carmo. Povos e comunidades tradicionais. In: Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2a. ed – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

DIAS, Luiz Marcos de França. **Comunidades quilombolas em territórios coletivos do Vale do Ribeira (SP): saberes da roça em construção de um projeto político epistêmico**/ Luiz Marcos de França Dias, 2020

ISA. **Do quilombo à floresta**: guia de plantas da mata atlântica no Vale do Ribeira / organização Bianca Cruz Magdalena. -- 1. ed. -- São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental, 2022.

FACHINI, Mariana Wiedmer. **Kakané Porã: Um Documentário Sobre a Primeira Aldeia Urbana do Sul do Brasil**, 2018.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. Quilombolas. In: Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2a. ed – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SILVA, Maria Givânia da. **O quilombo de Conceição das Crioulas: uma terra de mulheres - luta e resistência quilombola/** Givânia Maria da Silva, 2022

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos estados e Perfil dos estados e dos municípios brasileiros: Brasil – 2020** . Rio de Janeiro: Acesso em 26/10/2024

SANTANA, Helena Amaral. **A Educação do Campo como espaço de aprendizagem coletiva, resistência e fortalecimento identitário**. Revista Educação Pública ,Rio de Janeiro, v. 24, nº 2, 23 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/2/a-educacao-do-campo-como-espaco-de-aprendizagem-coletiva-resistencia-e-fortalecimento-identitario> - Acesso em 31/10/2024

UFPR. **Projeto pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo** . Matinhos: UFPR, 2012